

Potencialidades e limitações de rádios comunitária e educativa da Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG/Brasil

Lílian Claret Mourão Bahia

Titulação: Mestranda em Comunicação Social (UMESP/Brasil)

Instituição: Universidade Metodista do Estado de São Paulo (UMESP) – Brasil

Introdução

A mídia não convencional sempre teve grande relevância para significativa parcela da sociedade brasileira e, na esteira do desenvolvimento das relações humanas, conformadas que são pelas tecnologias de comunicação, cada vez mais demonstra sua importância estratégica no processo de ampliação da consciência sócio-política e cultural do homem contemporâneo. No contexto atual de consolidação dos grandes conglomerados de empresas da mídia, os meios alternativos de comunicação são, na maioria das vezes, o único canal de expressão dos setores populares da população. Este mosaico de elementos, interesses, necessidades e dinâmicas culturais torna mais polêmico o cenário da luta pela democratização da comunicação no Brasil.

O significado das discussões adquire contorno mais definido quando tais meios têm como função primordial atuar nas áreas educativa e comunitária, trabalhando, por isso, de maneira bastante próxima às pessoas. Entende-se que a preocupação das emissoras radiofônicas não-comerciais está voltada para expandir o âmbito das informações, da reflexão e das interações sócio-comunicativas ultrapassando os limites da mídia convencional. Este tipo de rádio tem estreita relação com os movimentos organizados da sociedade civil e desempenha relevante papel no agendamento do debate público, além de contribuir para formar uma cultura democrática nos espaços onde está inserido. Mas este cenário convive com faces polêmicas da realidade, a exemplo da luta travada entre o movimento pela consolidação das rádios comunitárias e o governo federal, pressionado pelas forças políticas e econômicas que não aceitam dividir o espaço radiofônico. Outros problemas decorrem da falta de recursos financeiros e das precárias condições em que vivem as emissoras, que geralmente sobrevivem do trabalho de voluntários e de apoios culturais.

Mas a relevância destas emissoras radiofônicas parece superar tais dificuldades, na medida em que estas revestem-se de importância também na fixação de identidades locais. É este o pano de fundo deste trabalho, que tem por objetivo realizar estudo de caso sobre a *Rádio Favela*, localizada em Belo Horizonte, autorizada a funcionar como emissora educativa, e a *Inter-FM*, instalada em Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), com permissão para funcionar como rádio comunitária. Antes, porém, considera-se oportuno caracterizar os principais tipos de rádios comunitárias em funcionamento no Brasil e dar um breve panorama das rádios comunitárias na RMBH. De natureza qualitativa, a metodologia do trabalho baseia-se na revisão de literatura, pesquisa documental e na realização de entrevistas semi-estruturadas com coordenadores das duas emissoras analisadas, consultas a *sítes* e documentos cedidos pelas emissoras analisadas.

1) Emissoras livres e comunitárias –surgimento e breve caracterização

No Brasil, as primeiras experiências de comunicação comunitária ocorreram no interior dos movimentos sociais populares nos anos de 1970 e 1980 e são entendidas por alguns pesquisadores como um reflexo da ânsia da população por expressar-se, após longo período de repressão imposto pelo regime militar que, por mais de 20 anos, abafou o inconformismo da sociedade brasileira. O surgimento das emissoras de comunicação comunitária radiofônica no país tem início a partir de iniciativas político-culturais organizadas pela sociedade civil, que pressiona o governo pela democratização da comunicação na esfera pública mediante o acesso à produção e transmissão de mensagens de interesse coletivo não veiculadas pelas mídias convencionais.

Considera-se importante uma breve revisão bibliográfica sobre o tema, pois acredita-se que tal distinção facilite a compreensão dos tipos de “fazer rádio” na América Latina. As emissoras comunitárias são definidas por Peruzzo (1998, p. 252, 253) como sendo aquelas que têm gestão pública e programação plural, operam sem fins lucrativos e apenas vendem espaços em sua programação como forma de custear sua manutenção. Ela reforça que as rádios comunitárias têm “como finalidade primordial servir à comunidade e podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento social e a construção da cidadania”.

A face democrática destas emissoras as leva a abrir seus microfones à participação da comunidade na própria programação e, de maneira geral, na gestão do veículo de comunicação (PERUZZO, 2002, p. 57). São preocupações da rádio comunitária valorizar a cultura local e o compromisso com a cidadania, no sentido de se comprometer com a educação voltada para a construção da cidadania e, por fim, a democratização da comunicação. Cicília Peruzzo¹ (1999, p. 216) chama atenção para a existência de grande variedade de tipos de rádios que se dizem comunitárias, embora nem todas o sejam propriamente. Ela aponta, no entanto, que tais emissoras representam um canal de contestação contra o sistema de radiodifusão vigente, que impede o acesso às ondas sonoras da maior parte da sociedade.

Concepção semelhante percebe-se em Denise Cogo (1998, p. 75, que, em *No ar... uma rádio comunitária*,) reforça que uma emissora comunitária tem a preocupação de “democratizar a palavra que está concentrada em poucas bocas e em pouquíssimas mãos para que nossa sociedade seja mais democrática”. Já a Rádio Netherlands (<http://www.rnw.nl/community>), focaliza o aspecto da gestão e o financeiro ao definir que a emissora comunitária “caracteriza-se pelo acesso e participação do público na produção e na tomada de decisões e pelo apoio financeiro dos ouvintes”.

As primeiras experiências de rádio livre no Brasil foram realizadas nos anos 70 (PERUZZO, 1999), em pleno governo militar, quando os meios de comunicação de massa eram propriedade, em sua grande maioria, de pessoas ou grupos que detinham certo privilégio junto ao Poder Executivo Federal. Machado, Magri e Mazagão, autores de *Rádios Livres, a reforma agrária no ar* (1986, p. 12), refletem que essas emissoras representam “um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia”, que encoraja a livre expressão de singularidades sociais e individuais.

Eles (1986) entendem que as televisões e rádios livres estão voltadas para segmentos da população, oferecendo, desta forma, programações diferenciadas de forma a atender às especificidades de cada estrato social. Nesse contexto, a programação é tão diversificada quanto o público.

¹ Informação verbal transmitida em aula em 2004.

2) As ondas radiofônicas no entorno da capital mineira

O município de Belo Horizonte possui hoje cerca de 60 emissoras comunitárias, sendo que, de acordo com o representante da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) no Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), José Guilherme Castro², destas, aproximadamente 30 estão mais atentas às necessidades sócio-culturais e de melhorias das condições de vida das comunidades onde estão localizadas. Deste universo, 41 são filiadas à Abraço-BH, segundo o presidente da entidade, João de Souza Reis Júnior³. Ele calcula que na Região Metropolitana de Belo Horizonte devem estar em operação atualmente entre 200 a 400 emissoras de baixa potência. Em todo o estado, chega a 2.000 a média de rádios comunitárias em funcionamento, que são fechadas e abertas durante o ano.

Verifica-se, nas emissoras comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte, experiências múltiplas com atividades que priorizam desde temas cristãos, associativos a educacionais, serviço de utilidade pública e musical, entre outros. Mas, em geral, não há informações precisas sobre a participação da comunidade na programação e nas atividades das rádios, dificultando, assim, identificar o nível de interação da comunidade na programação das rádios. A essas dificuldades soma-se um cenário permeado por outros problemas relevantes que acabam por limitar o desenvolvimento do setor, entre os quais merecem destaque a precariedade de equipamentos e instalações e a impossibilidade de incrementar a programação, mediante a falta de recursos financeiros, técnicos e humanos. Constata-se também, em alguns casos, a reprodução de modelos semelhantes aos da radiodifusão comercial. Por não visarem o lucro pecuniário, a grande maioria das emissoras comunitárias sobrevive com baixo custo financeiro, o que acaba por facilitar o acesso dos cidadãos e organizações sociais ao espaço público para divulgar mensagens de seu interesse.

É rigorosa a fiscalização das rádios comunitárias por órgãos ligados ao Ministério das Comunicações. Entre setembro de 2004 e março de 2005, em todo o Estado de Minas Gerais, foram fechadas, segundo a Abraço-BH, cerca de 35 emissoras comunitárias. No dia 15 de outubro de 2004 outras 15 emissoras comunitárias de Belo Horizonte tiveram também suas portas lacradas e equipamentos apreendidos. Dirigentes e agentes das

² Informações transmitidas a esta autora durante entrevista em 12/07/2005.

³ Informações transmitidas a esta autora em entrevista realizada em 12/12/2004.

rádios foram presos, algemados e o presidente da Rádio Constelação, Roberto Emanuel, deficiente visual, permaneceu sob a mira de uma arma. João de Souza Reis Júnior admite que a grande maioria das emissoras da capital mineira opera sem autorização do Ministério das Comunicações. Além deste tipo de ação a que tais emissoras estão sujeitas, há outras vistas por José Guilherme Castro como até mais cruéis, que são configuradas a partir da ação dos órgãos de concessão de energia e telefonia que, “fecham mais rádios do que a própria Anatel”, diante da falta de recursos financeiros para custear o pagamento das contas.

3) Rádio Favela

Entre as emissoras legalmente instaladas em Belo Horizonte, a Rádio Favela, que funcionou sem autorização entre 1981 e 1996, opera hoje como emissora educativa, na frequência 106,7 FM. A emissora alcançou grande visibilidade em função do seu reconhecimento pela *Organização das Nações Unidas (ONU)*, devido à realização de campanhas preventivas e educativas contra o tráfico e uso de drogas e a violência. Por causa desse reconhecimento e diante da audiência entre os ouvintes, a emissora teve a história contada no filme “Uma onda no ar”. Hoje a *Rádio Favela* é mantida pelos moradores da Vila Nossa Senhora de Fátima, localizada no Aglomerado da Serra, composto por 11 vilas e favelas e população estimada em cerca de 160 mil habitantes⁴.

De acordo com um dos fundadores da emissora, Nerimar Wanderley Teixeira⁵, a rádio foi criada num momento de brincadeira, mas “depois percebemos que na nossa comunidade não tinha esgoto, água e energia elétrica... só o ônibus a mais de 300 metros de distância das casas. Então a gente começou a cobrar das autoridades [...] foi uma brincadeira que passou a coisa séria e está aí até hoje”, afirma.

Ele explica que a emissora nasceu também do desejo da população local de criar um espaço para divulgar a música e a cultura negras, falar da discriminação contra os moradores e das questões relacionadas à violência e às drogas. A história da emissora é marcada por trocas frequentes de sede para fugir da ação da polícia, e até por inundação do estúdio pela água das chuvas, prisão de um dirigente e inúmeros outros problemas.

⁴ Todas as informações foram transmitidas por Nerimar Wanderley Teixeira, em entrevista à autora, em abril de 2005.

⁵ Coordenador da Rádio Favela e um dos fundadores da emissora.

A *Rádio Favela* pertence hoje à *Fundação Educativa Cultural e Comunitária de Belo Horizonte*, presidida há mais de 20 anos por Misael Avelino dos Santos, mantenedora da *Associação de Comunicação Comunitária da Rádio Favela*, que abriga também uma escolinha de reforço para os alunos da comunidade. Quatro professores, pagos pela *Prefeitura Municipal de Belo Horizonte*, se revezam na sede da emissora para darem orientação e ajuda às crianças nos estudos, nos períodos da manhã e tarde. Entre os projetos da associação está a realização de cursos para produção de vídeo, como forma de capacitar os jovens do aglomerado a trabalharem na produção de programas para a TV comunitária, que deve entrar no ar nos próximos anos.

As ações educativas da *Rádio Favela* se concretizam também na doação de material escolar, obtido muitas vezes em troca de anúncios publicitários. A população, de uma forma geral, demonstra gratidão aos “donos da rádio” (expressão utilizada por alguns moradores durante entrevista a esta autora), pela ajuda que recebeu durante enchentes provocadas pelas chuvas, pela doação de material escolar e por desenvolver campanhas contra as drogas e a violência.

A receita da *Rádio Favela* vem exclusivamente de apoio cultural e cerca de 50 voluntários são mobilizados na rotina de trabalhos, sendo que alguns funcionários recebem comissão pela publicidade divulgada. Com programação que abrange temas de interesse direto da população, a emissora usa símbolos, músicas e gírias para traduzir em linguagem próxima à utilizada pelos moradores informações relevantes para o cotidiano da comunidade local. A rádio concentra especial atenção na prevenção de doenças, razão pela qual constantemente promove campanhas preventivas, especialmente contra o câncer de próstata e de mama, além de vacinação.

A programação atual é basicamente composta por itens musicais populares, sendo que no decorrer do dia notícias rápidas (algumas retiradas da internet) são divulgadas pelos locutores responsáveis pelo programa do momento. A emissora entra no ar às quatro horas da manhã e encerra sua programação às 22 horas, quando entra no automático e só transmite músicas baixadas da internet, até recomençar novo dia de trabalho. O conteúdo musical é predominante em toda a programação.

No decorrer do dia são realizadas ainda entrevistas com médicos, advogados, políticos, representantes de órgãos de defesa do consumidor, assim como programas voltados para a conscientização da relevância da raça negra na composição da população brasileira. A

participação da população da Região Metropolitana de Belo Horizonte na programação da rádio se dá principalmente na forma de cobranças de melhorias para as vilas, além de solicitação, pelo telefone, de músicas e sugestão de temas para debates ou mesmo por cartas.

O jovem Misael Filho, que, quando criança acompanhou toda a história da criação da Rádio Favela e ali trabalha desde então, comanda um programa focado na conscientização dos adolescentes, a partir de músicas, sobre assuntos como os perigos das drogas e da violência, os cuidados com a sexualidade, entre outros temas. O programa já recebeu dois prêmios, concedidos pela *ONU*. Misael Filho⁶ explica que a emissora “cria seguidores. Pessoas que eram crianças junto comigo hoje me abordam nas ruas e dizem que assistem a meus programas, que seguiram os conselhos de ficarem longe das drogas e que estão felizes por isso”.

4) A rádio Inter-FM

A *rádio Inter-FM*, fundada no final de 1996, tem a preferência de 56% da população de Brumadinho⁷, situado a 55 km da capital mineira. Autorizada a funcionar como emissora comunitária desde 2003, ela disputa o espaço radiofônico e a audiência dos 33 mil habitantes com outras três rádios comunitárias locais (não autorizadas), que reproduzem formato semelhante ao das rádios comerciais, com programação principalmente musical. O auge da *Inter-FM* como canal de ampliação das vozes locais foi a transmissão direta da cassação do prefeito, em janeiro de 1999. A emissora tem tradição também na realização de debates com candidatos a cargos públicos municipais. Diante da falta de infra-estrutura e da pressão exercida pelas outras emissoras, a rádio *Inter-FM* viu-se obrigada a mesclar sua programação com conteúdos musicais além do desejado pela sua diretoria, como forma de manter a audiência. Segundo o presidente da *Associação Comunitária de Radiodifusão Cultural, Educativa e Artística de Brumadinho* e da *Inter-FM*, cantor Leci Strada, a emissora abre mão de uma programação puramente comunitária e educativa para não ceder seu espaço radiofônico

⁶ Entrevista concedida à autora em abril de 2005.

⁷ Pesquisa encomendada pela campanha política do PMDB, à Vox Populi no município, em 2004.

às outras rádios e, assim, contribuir para o desenvolvimento sócio-cultural dos habitantes de Brumadinho..

Logo no início de sua operacionalização, a *Inter-FM* precisou dar mostras da sua capacidade de prestação de serviços de utilidade pública, quando, em janeiro de 1997 o município foi isolado da região por inundações provocadas por água das chuvas. A rádio mantinha a população informada sobre os estragos provocados pela inundação e as providências tomadas pelas autoridades, além de alertar as pessoas sobre como deveriam se comportar para amenizar as consequências da tragédia. Mas foi na esfera política que a emissora chamou atenção para o seu fôlego comunitário, ao possibilitar à população acesso a um veículo de comunicação não apenas como ouvinte, mas também como emissora.

Em abril de 1997 a sede da emissora foi invadida por policiais e seu transmissor, lacrado. Seis meses depois a rádio foi reaberta sob a direção de Strada, que tomou o cuidado de evitar novo fechamento, amenizando inicialmente críticas diretas à administração pública. Hoje um dos programas de maior audiência é o *Inter-FM Notícias*, depois transformado em *De Olho na Saúde*, levado ao ar aos sábados, com duas horas de duração.

A programação da *Inter-FM* tem início às 6 horas, com músicas caipiras e informações voltadas principalmente para o público rural. No decorrer do dia são realizadas várias sessões musicais, além de programas com conteúdo informativo, como a leitura e comentário de notícias retiradas de jornal de grande circulação do Estado, de forma a incentivar o senso crítico dos ouvintes. Há também programação voltada a igrejas, interesses do cidadão, mulheres, esportes, saúde. Semanalmente uma família local é homenageada, tendo sua história contada na rádio.

A receita desta emissora vem exclusivamente de apoios culturais. Também nesta área constata-se a difícil convivência entre as quatro rádios comunitárias do município, já que as outras emissoras possuem tabela de baixo custo para inserções publicitárias, além de receberem ajuda financeira por meio de convênios com empresas. Segundo Strada, a *Inter-FM* somente recebe pagamento da prefeitura municipal quando veicula anúncios pagos.

A rádio *Inter-FM* conta com o apoio de 23 voluntários, sendo que outros três funcionários recebem ajuda de custo. A rádio já realizou diversas campanhas para ajudar

peças necessitadas da comunidade, como doação de equipamentos médicos, roupas e alimentos. Numa iniciativa própria, há seis anos ela consegue ajuda de 20 cestas básicas mensais que são distribuídas à população carente.

5) Considerações

No contemporâneo contexto midiático de um grande centro urbano, cuja esfera pública é atravessada por uma pluralidade de grandes veículos de comunicação que concorrem com a mídia popular, a riqueza e as particularidades das emissoras comunitária e educativa aqui estudadas, podem ser evidenciadas justamente pelas dificuldades e desafios do cotidiano. Mesmo autorizadas a funcionar, tais emissoras encontram dificuldades para executarem seus trabalhos. Porém, constatou-se, que os entraves são contornados pelas comunidades, que lutam para manter funcionando os meios alternativos que lhes asseguram um canal para expressar seus anseios e vivências.

A rádio Inter-FM reatua histórico em agendar questões de interesse público e ações do governo municipal. É rotina da emissora mobilizar a população local para interferir diretamente na esfera pública do município, com questionamentos sobre decisões do Executivo municipal, com reivindicações e criando redes de solidariedade.

Ao definir uma programação centrada na ampliação da consciência política e cultural da população, assim como para reforçar a identidade dos moradores, inclusive colocando em destaque as famílias do município, a Inter-FM, estabeleceu um vínculo com a população local. Este vínculo é evidenciado pela expressiva audiência de 56% dos ouvintes de Brumadinho.

Já a Rádio Favela está voltada para questões principalmente ligadas à realidade de moradores de vilas e favelas, como violência e uso de drogas, embora estes temas não estejam mais restritos a este contexto e despertem interesse e preocupação na população de grandes centros, de uma forma geral. A temática abordada pela emissora resulta também numa mobilização para a comunidade participar da esfera pública no nível da política do cotidiano, diretamente ligada à política da esfera do Executivo.

A preocupação da Rádio Favela com a educação por meio das ondas radiofônicas resgata, muito oportunamente, a primeira vocação deste veículo de comunicação

ênfatizada por Roquete Pinto⁸. Constata-se hoje, cerca de 80 anos após a chegada do rádio ao Brasil, que, embora sejam conhecidas muitas experiências vitoriosas deste meio como veículo educativo, são ainda em maior número as demandas neste setor, especialmente num país em que o número de excluídos da educação e de outros direitos humanos mínimos aumenta continuamente.

É neste fluxo e refluxo de considerações sobre a importância do rádio não apenas como elemento integrador, mas, sobretudo educador, que Ângelo Piovesan⁹ aponta para a necessidade de se repensar a questão “rádio e educação”. Na concepção do pesquisador (2004, p.48 - 49), antes de cumprir a função educativa, um programa radiofônico deve desempenhar seu papel comunicativo, “pois a comunicação, independentemente dos meios utilizados, é a base sobre a qual se planta a educação. Se a comunicação não for agradável, fluente, prazerosa mesmo, o espaço para que a educação ocorra será muito pobre”.

Referências

- Cogo, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- Geerts, Andrés e OYEN, Victor van. *La radio popular frente al nuevo siglo: estudio de vigencia e incidencia*. Quito, Equador: ALER, 2001.
- Gohn, Maria da Glória. *Os sem - terra, ONG e cidadania*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- Vigil, José Ignacio Lopez. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- Machado, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios Livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- Oliveira, Valdir de Castro. *A reconfiguração do espaço público nas ondas das rádios comunitárias*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- _____. 2001. *Comunicação, identidade e mobilização social na era da informação*. Trabalho apresentado no VIII Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste. Vitória. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). 16 e 17/mar/2001.
- Peruzzo, Cícilia Maria Krohling. *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.

⁸ **Edgard** Roquete Pinto, nascido no Rio de Janeiro em 1884, é conhecido como o pai do rádio brasileiro. Instalou o primeiro equipamento no Brasil, fundando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mais tarde Rádio Ministério da Educação.

⁹ Ex-coordenador de projetos de rádio em parceria entre a Fundação Anchieta, Senac-SP e Ministério da Saúde. Professor doutor da Escola de Comunicação e Arte da USP.

_____. *Comunicação comunitária e educação para a cidadania*. In: www.metodista.br/unesco/pcla/revista13/revista13.htm.

_____. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. Trabalho apresentado no Celacom/Endicom 2004, em São Bernardo do Campo: 2004.

_____. (Org.) *Vozes Cidadãs*. Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara, 2004.

Material audiovisual: Filme: *Uma onda no ar*. Bras. Dir. Helvécio Ratton.